

**OBSERVAÇÃO DE BEBÊS :
NAVEGANDO EM ÁGUAS PROFUNDAS:
UMA ODISSÉIA HUMANA.**

**Por Maria Nurymar Brandão Benetti
Primavera 2003**

Há alguns anos venho tendo contato com a técnica da observação de bebês pelo método Esther Bick, tanto com minha própria experiência como observadora, como compartilhando da experiência de observação de outras pessoas. Os fenômenos psíquicos profundos que se passam no exercício desse trabalho têm chamado, particularmente, a minha atenção, pois, como a odisséia de Ulisses, simbolizam o ser humano na eterna busca de si mesmo

A psicanalista Esther Bick incluiu, em 1948, no programa de formação psicanalítica da Tavistock Clinic de Londres a observação de bebês na família. Hoje, essa atividade é parte da formação psicanalítica na maioria dos Institutos de Psicanálise.

Não se trata de uma observação para verificar, quantificar, normatizar, validar ou informar. É um trabalho inspirado no método psicanalítico, em especial no que diz respeito à consideração do contexto e à observação de detalhes aparentemente irrelevantes, os quais veiculam sinais de áreas inacessíveis espontaneamente e que pertencem ao mundo inconsciente.

Assim, por exemplo, uma frase dita, determinado padrão de comportamento mostrado pela mãe ou pelo bebê, podem revelar sentimentos e permitem inferir fantasias que, no seu todo, traduzem a dinâmica da interação familiar. São informações sabidas, mas não pensadas. Revelações feitas sem querer querendo. Notícias que vem de carona com palavras ingênuas.

A "observação da relação mãe-bebê na família, permite pensar" e, reciprocamente, "pensar supõe atitude de observação" (Mellier, D. 1995). E assim é descrito Ulisses na epopéia de Homero: "é astucioso, sempre pensa antes de agir".

Nos últimos anos tenho desenvolvido uma experiência com pessoas interessadas nessa forma de trabalho, propondo módulos, o primeiro dos quais é teórico.

Nesse primeiro módulo, as pessoas lêem, estudam, entendem, se encantam e querem fazer o trabalho. Aí passamos para o módulo seguinte, onde a realidade da experiência se impõe com suas peculiaridades.

Vamos pedir, ao invés de oferecer, vamos acompanhar sem fazer intervenções, não vamos oferecer relatórios, "nem ao cabo de um ano de observação". Aí as perguntas chovem: " O que damos?", "O que a família ganha com a presença do observador em seu lar?" , "Como convencê-los a aceitarem a observação?".

Essas angústias da "gestação" do trabalho de observador, compõem a pré história da observação que é acompanhada e acolhida nas supervisões em grupo.

Ao cabo de algum tempo, o observador se lança na experiência ainda sem entendê-la na sua plenitude, mas parece intuir que se trata de algo muito valioso para a sua formação profissional, em especial para o exercício da função de terapeuta, e para o seu desenvolvimento pessoal, pois leva-o, ao mesmo tempo, aos mares profundos da mente do outro e aos mares profundos de sua própria mente.

Quando o observador chega no lar de uma família para propor a observação, a mãe está no final da gravidez e o bebê ainda não está lá como uma presença visível. A situação lhe produz um impacto emocional muito forte. Por mais experiência que tenha na psicanálise de crianças ou nos métodos científicos de observação, há mudanças radicais no desempenho desse papel.

Em primeiro lugar, o setting está na cabeça do analista. Ele não está no espaço físico de seu consultório, que lhe é familiar, mas está na casa de uma família desconhecida. O psicanalista não recebe a família, é recebido por ela. Não **oferece** o seu serviço, **pede** que lhe permitam acompanhar o modo como irão se estabelecendo as relações entre mãe, bebê e família, ao longo de um ano ou de um ano e meio, uma vez por semana na casa deles ou, onde o bebê estiver.

Mais uma vez, como Ulisses, temos que abandonar o que nos ligava à técnica analítica, nossa Ítaca segura, partir para o desconhecido, como arrojados marinheiros sem destino claro, cuja nau é a própria mente e a capacidade de pensar.

Se a família aceita a experiência, embora sem entendê-la muito bem, o trabalho tem muita chance de começar. Às vezes, aceitam "para contribuir para a evolução da ciência", "para ajudar o psicólogo em sua formação", mas, no fundo, aceitam porque necessitam de uma pessoa que compartilhe e testemunhe o início de uma relação tão desigual como a de um adulto com um recém-nascido. Aceitam a observação as famílias que conseguem captar a função continente do observador, aceitam porque precisam dela.

À semelhança do método psicanalítico, o observador precisa encontrar uma posição na qual possa realizar sua tarefa, introduzindo a menor distorção possível no meio.

Não aconselha, não sugere, não critica, não orienta. Nem procura estabelecer, de modo ativo, um lugar para si na família. Deve deixar os pais, particularmente a mãe, dar-lhe um espaço no grupo familiar. Deve deixar-se "boiar" nas "águas" dessa família, dar repouso aos remos, acompanhá-la, mas sempre pensando.

Tudo é novidade sobre o lugar onde o observador está chegando, não há anamneses anteriores e o observador, como o bebê, muito pouco sabe sobre as pessoas com quem começa a se relacionar.

Então surge a pergunta: "Afim, o que faz o observador?"

A técnica é um deslumbramento para a cultura ocidental. Talvez porque, com os métodos e técnicas, seja em que campo for,

driblamos nossas limitações humanas e temos a ilusão de que podemos tudo. Então, a pergunta mestra é: O que eu tenho que fazer? Como se faz?

Nesse sentido, esse trabalho vai na contra-mão, pois não se trata de **fazer**, mas de **ser**. No silêncio, o observador **é** com o outro. Mas é num silêncio atento, vivo, participante, não amorfo, destituído de vitalidade. Trata-se de uma companhia viva, ainda que sem palavras. Onde o olhar sustenta, a escuta acolhe, enquanto a mente trabalha sem cessar. Pensa, mas não interfere com ações ou com palavras. Não por voyeurismo ou curiosidade sádica, mas com profundo respeito pela possibilidade do outro de encontrar as próprias soluções e de pensar sobre os impasses que vive. Estar junto nessas situações faz diferença. Não é a mesma coisa pensarmos ou sofrermos uma experiência sozinhos ou em presença de um outro que escuta e acolhe.

Um belo exemplo do que descrevo, passou-se numa situação de observação cuja autora me permitiu que eu a mencionasse e a quem não cito para preservar o bebê observado e a família, pois se trata de uma experiência recente. Sou grata a ela por isso.

É uma cena de uma sessão de observação em que o bebê está com um ano e um mês.

Estão no quarto de brinquedos, o bebê que chamarei de Guille (Personagem de Quino), dois irmãos com menos de quatro anos e uma pessoa da família, que não é a mãe, a quem vou me referir como Bárbara.

Quando a observadora chega, cumprimenta a todos e Guille sorri para ela. Ele estava sentado num tapete cercado de muitos brinquedos, mas logo levanta e se apoia no sofá para subir em busca de uma corneta que está na mão da irmã mais velha. Esta não permite que ele pegue o brinquedo e Guille tenta pegar um chocalho que está na outra mão dela. A irmã esconde o chocalho. Guille volta a sentar-se no chão e brinca com uma girafa.

O outro irmão se aproxima de Bárbara que está sentada no sofá, se pendura em sua perna e ela lhe diz: "Sai prá lá."

Guille volta a tentar pegar a corneta da irmã e não consegue, se apoia em Bárbara e ela o chama de dentuço. A irmã repete, "dentuço" e dá risada. O outro irmão vai para o lado de Guille com um telefone de brinquedo na mão e começa a bater no rosto dele. Bárbara e a irmã mais velha não fazem coisa alguma. Guille se defende piscando os olhos.

Logo depois, tenta subir na perna de Bárbara. Parece tentar alcançar um brinquedo que está perto dela. Ela o proíbe, usando palavras bem agressivas. Ele recua e fica em pé ao lado de Bárbara que está tentando arrumar um brinquedo. Guille se desequilibra e cai deitado no chão. Bárbara lhe diz: "Ô maluco! A irmã repete e dá risada.

Guille fica deitado no chão e, após alguns segundos, fixa seu olhar na observadora. Ela sente a importância de sua presença, de seu olhar para Guille. Ela relata que foi um momento muito desconfortável para ele e para ela que estava presenciando aquela cena de descuido e de desconsideração. Mas, diz ela, "senti o nosso olhar confortante, amenizando aquela situação". E, continua : " Guille se senta e logo procura se distrair pegando uma bola, me dá um sorriso e começa a brincar com a bola".

Penso que esse exemplo ilustra a força de uma presença silente, mas participativa. Minha impressão é que o olhar da observadora sustentou Guille, acompanhou-o e o apoiou. Ousaria mesmo dizer que ela o levantou do chão com os olhos. E ele, com seus 13 meses de vida, percebeu essa presença e se mostrou grato, oferecendo-lhe um sorriso.

Outro exemplo que ilustra as águas profundas em que navegamos durante a observação da relação mãe-bebê é um fragmento do relato da psicanalista Cleopâtre Athanassiou (1992). Nesse trabalho, ela menciona a observação de um bebê feita por Anne Levy.

Trata-se de Bama, nascida em uma família imigrada cuja mãe vivia uma situação depressiva, conseqüência de muitas perdas, mortes e do afastamento das raízes familiares.

Quando Bama, estava com menos de um mês de vida, vivia grandes dificuldades ao mamar, tentando manter o mamilo na boca enquanto escorregava entre as pernas abertas da mãe. A mãe incitava o bebê a mamar muito rápido. E Bama, apesar das dificuldades, tinha que se apressar enquanto era alimentada. Nessa precipitação, a troca entre a mãe e o bebê era reduzida a uma troca material.

A mãe parecia temer que se Bama mergulhasse seus olhos nos dela, sorrindo-lhe, sentiria prazer ao mamar, e, ao ser desmamada, sofreria muito, lembrando de tudo o que perdera. Então evitava a troca afetiva ou tê-la muito no colo, "não pode ser mal acostumada, senão, quando eu voltar a trabalhar..."

A observadora, aceita pela mãe inseriu um diferencial na situação. Quando Bama estava com três meses, a mãe, por motivo de trabalho, passou a ficar ausente parte do tempo da observação.

Um dia, quando chegou, a mãe deu uma mamadeira a Bama, enquanto seu olhar se prendia a um programa que estava passando na TV. Bama conservava seus olhos presos nos da mãe.

Nas sessões seguintes, foi nos olhos da observadora que Bama prendeu seus olhos, enquanto mamava. Depois da mamada, a mãe foi para a cozinha e Bama continuava olhando a observadora, dando-lhe grandes sorrisos.

Mais tarde, quando Bama estava com treze meses, a mãe olhou para ela e lhe perguntou: "Onde está a mamãe?". Sem hesitar, Bama estendeu seu indicador para a observadora.

A mãe balançou a cabeça, sorriu e disse: "Habitualmente, ela aponta o dedo para ela mesma... mas desta vez, foi para a senhora." E, em seguida, dirigiu-se à Bama: "É verdade, mamãe, a senhora Anne é uma mamãe também."

Os dois exemplos citados deixam claro que o que se passa durante uma sessão de observação é inefável, difícil de ser descrito, mas é de grande valor como sustentáculo para a mente do outro, seja do bebê, seja de outro membro da família. E o último exemplo mostra a articulação existente entre a pessoa que observa, o bebê e a mãe.

O observador funciona como uma fonte processadora de angústias catastróficas, de modo semelhante à função de rêverie descrita por

Bion (1962). *"Se aceita observar, sonhar, fantasiar, se apresenta como um espelho profundo, acolhendo o outro em sua cena, desenhando sua imagem no seio de um mundo interno já existente, mas com o qual não se confunde"*. (Athanassiou, C. 1992). E o bebê, em especial, se beneficia dessa disponibilidade do observador, pois está sobrecarregado com a necessidade de processar e de elaborar as intensas experiências emocionais que está vivendo.

São fenômenos inconscientes que se expressam através de identificações projetivas, tão bem descritas por Melanie Klein em seu trabalho de 1955, "Sobre a Identificação" e que "implicam numa combinação de expelir partes do eu e de projetá-las sobre outra pessoa, ou dentro dela" (Klein, M. 1955). Tal movimento mantém a ilusão de **ser** a outra pessoa, tendo-a sob controle. E, assim, livra-se, em fantasia, de sofrimentos emocionais que a alteridade do outro pode suscitar.

Contudo, se a pessoa que é objeto da identificação projetiva puder acolhê-la e transformá-la, favorece a elaboração de experiências emocionais persecutórias e depressivas, propiciando a integração e o restabelecimento de relações com o objeto bom internalizado. E, como corolário, permite o estabelecimento de melhores padrões de saúde mental.

Para o observador, essa experiência difícil, resulta na ampliação da capacidade de continência interna. Mas sua mente tem que lidar com doses maciças de angústias que são veiculadas de inconsciente para inconsciente. É uma difícil e arriscada viagem onde há cantos de sereias e rochedos insuspeitos.

O observador se entrega como alvo de identificações projetivas da mãe e do bebê, processa-as em sua mente e, na semana seguinte, volta, vivo, disponível para a nova situação.

Às vezes, ao retornar, encontra a porta fechada e na sessão seguinte, a mãe diz : " Não sei como aconteceu, esqueci de você...".

Às vezes encontra mãe e filho dormindo e o observador é convidado pela empregada, seguindo instruções prévias da mãe, a ficar, em pé no quarto, assistindo mãe e filho em sono profundo.

Às vezes, há uma recepção ainda menos acolhedora : um cachorrinho que é solto quando a observadora chega e que pula nela, mordisca-a, enquanto a mãe grita da porta: "Para, Veludo!", mas nada faz para impedi-lo.

Outras vezes encontra uma mãe que quer fortalecer o observador e alimentá-lo : " Vou fazer uma batida de banana para você, tem que tomar!".

Ou, finalmente, vivendo cenas em que a gratidão é expressa como as que vimos nos exemplos mencionados.

Para todas essas situações, urge uma elaboração na mente do observador. A sua análise, que lhe permite um contato profundo com a própria mente, é o seu principal recurso. Mas também o são, a elaboração do relatório, escrito a posteriori, e a sua discussão na supervisão em grupo, onde "Circe" ajuda os marinheiros-observadores nos preparativos para a nova partida e a passarem sãos e salvos pela costa da Ilha das Sereias.

Quando as pessoas estão escrevendo, o relatório final, depois de um ano, um ano e meio de trabalho, o efeito transformador é experimentado pelo observador. Ouvi de uma colega: "Antes desse trabalho, eu era uma pessoa, agora sou outra, houve uma transformação pessoal e profissional em mim".

De uma família, ouvi, após um ano e meio, quando anunciava o término do meu de trabalho: "Já? Que pena que vai terminar."

Paradoxalmente, é nesse momento que é possível ter uma dimensão do valor desse trabalho. As mudanças psíquicas suscitadas em todos os participantes dessa experiência são tão significativas que não há necessidade de entregar uma avaliação ou um relatório para a família. O acolhimento vivido e o trabalho mental experimentado por todos é suficiente.

Ulisses é frequentemente interpretado como símbolo da pessoa que, vencendo obstáculos e enfrentando perigos, procura voltar à sua pátria: sua origem, sua natureza humana. Ulisses, como o trabalho de observação de bebês, representa uma odisséia da consciência humana na viagem de retorno a si mesma.

BIBLIOGRAFIA

1. ABRIL CULTURAL. Colaboração de Silvia Lefèvre. "Mitologia". Vol. III . Ed. Abril Cultural. São Paulo. 1973.
2. ATHANASSIOU, Cleopâtre. " A observação psicanalítica dos bebês em sua família". In Revue Devenir. Vol. IV. 1992. Pag. 9 a 31. Tradução de Maria Nurymar Brandão Benetti.
3. BULFINCH, Thomas. "O Livro de Ouro da Mitologia - Histórias de deuses e heróis". Ed. Ediouro. Rio de Janeiro. 2000.
4. BICK, Esther. "A experiência da pele em relações de objeto arcaicas". 1967. In "Melanie Klein hoje". Org. por Elizabeth Bott Spillius. Ed. Imago. Rio de Janeiro. 1991.
5. KLEIN, Melanie. "Sobre a observação do comportamento dos bebês". 1952. In "Os Progressos da Psicanálise". Por Melanie Klein et alli. Ed. Guanabara. Rio de Janeiro. 1986.
6. KLEIN, Melanie. "Sobre a Identificação" 1955. In "O sentimento de Solidão". Por Melanie Klein. Ed. Imago. Rio de Janeiro. 1975.
7. MACIAS, Manuel. "A posição do terceiro nas psicoterapias Analíticas mãe-bebê". In Revue Devenir. Vol. IV. 1992. Pag. 33 a 47.
8. MÉLEGA, Marisa Pelella. (Org.) "Primeiro Simpósio Brasileiro de Observação da Relação Mãe-Bebê - Tendências". Ed. Unimarco. São Paulo. 1997.
9. MELLIER, Denis. "Le travail de la fonction contenante e l'observation du nourrisson selon Esther Bick". In Revue Dialogue. nº 128, 2º trimestre de 1995. Editada por Association Française des Centres de Consultation Conjugale. Pag. 16 a 27.